

DISCUTINDO NAÇÃO E GÊNERO A PARTIR DE FADWA TUQAN: Memória E Escrita De Uma Poetisa Palestina¹

DISCUSSING NATION AND GENDER FROM FADWA TUQAN: Memory And Writing Of A Palestinian Poetess

Carolina Ferreira de Figueiredo²

Resumo: Este artigo visa investigar a trajetória da poetisa palestina Fadwa Tuqan a partir de sua autobiografia, *Rihla Jabaliyya, Rihla Sa'ba*, publicada em árabe em 1985, a fim de discutir as transformações do território e da população palestina no século XX. Tuqan cresceu na Palestina em meio ao cenário de ocupação colonial britânica e da presença do movimento sionista, processo que culminou na criação do Estado de Israel, em 1948. Assim, busca-se analisar de que forma Tuqan constrói sua história pessoal em seus escritos, partindo da noção de escrita de si, atentando-se para suas reflexões sobre aspectos sociais da realidade da Palestina, focalizando em suas impressões sobre gênero, política e nação. Partindo desta publicação, e dos debates no cenário intelectual e historiográfico sobre a construção nacional palestina, busca-se aprofundar sobre as implicações das questões de gênero na formação nacional, atravessadas pela luta por libertação.

Palavras-chave: Fadwa Tuqan, Palestina, Nação, Gênero, Autobiografia.

Abstract: This article aims to investigate the trajectory of the Palestinian poet Fadwa Tuqan based on her autobiography, *Rihla Jabaliyya, Rihla Sa'ba*, published in Arabic in 1985, in order to discuss the transformations of the Palestinian territory and population in the 20th century. Tuqan grew up in Palestine amidst the British colonial occupation and the presence of the Zionist movement, a process that culminated in the creation of the State of Israel in 1948. Thus, the article seeks to analyze how Tuqan constructs her personal history in her writings, starting from the notion of self-writing, paying attention to her reflections on social aspects of the reality of Palestine, focusing on her impressions on gender, politics and nation. Starting from this publication, and the debates in the intellectual and historiographical scenario about Palestinian national construction, we seek to delve deeper into the implications of gender issues in national formation, crossed by the struggle for liberation.

Keywords: Fadwa Tuqan, Palestine, Nation, Gender, Autobiography.

Introdução

Escrever sobre si é um exercício complexo que envolve a lembrança – em caráter fragmentário e afetivo – além da imaginação narrativa para uma escrita organizada, com um sentido, ainda que este não seja estritamente cronológico. É em meio a este processo que a escritora e poetisa palestina Fadwa Tuqan escreve seu livro autobiográfico, intitulado *Rihla Jabaliyya, Rihla Sa'ba*³, publicado em 1985, em árabe, por uma editora da Jordânia. O livro ganhou uma tradução para o inglês, em 1990, com o título *A Mountains Journey: a poet's autobiography*, este utilizado para o

² Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. E-mail: carolina.f.figueiredo@ufes.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8232598263921215>; ORCID-id: <https://orcid.org/0000-0002-1054-9924>.

desenvolvimento deste artigo, traduzido de maneira livre como *Uma Jornada Montanhosa: autobiografia de uma poetisa*. Nesta edição em inglês, além dos textos da autora – *Uma jornada montanhosa e Páginas de um diário 1966-1967*, o livro conta com um prefácio, apresentação e posfácio, de autoria diversa, além de poemas selecionados escritos por Tuqan.

Nas primeiras páginas do seu livro, Tuqan afirma que “uma semente não vê a luz sem antes abrir um caminho difícil através da terra” (Tuqan, 1990, p. 11, tradução nossa)⁴. Para então afirmar que “esta minha história é a luta da semente contra o solo rochoso; uma história de luta, privação e enormes dificuldades” (Tuqan, 1990, p. 11, tradução nossa)⁵. Estas afirmações, metaforizadas pela terra, tematizam o livro de sua autobiografia, isto é, sua jornada difícil e subjetiva para se tornar escritora, poetisa e palestina. Para a pesquisadora Fedwa Malti-Douglas (1990), que escreve a introdução do livro da edição consultada, a narração de Fadwa Tuqan tem tom inicial dramático que “[...] rompe com qualquer tradição da sua família (...) e, do ponto de vista literário, isso também é um ataque à própria forma autobiográfica tradicional, cuja função é a santificação das estruturas familiares” (Malti-Douglas, 1990, p. 3, tradução nossa)⁶. A partir destas e de outras problemáticas, o artigo pretende analisar como Tuqan constrói sua história pessoal, ao tratar de temas da cultura e da política na Palestina em meados do século XX. Com isso, em um segundo momento, pretendemos discutir como as questões de gênero estão implicadas no debate e na formação de uma identidade nacional, refletindo para isso sobre a luta palestina e o questionamento sobre tradição e opressões.

Assim, podemos abordar uma proposta de leitura analítica da publicação de Fadwa Tuqan. Como uma obra definida enquanto autobiografia, há aspectos de uma narrativa pessoal evidentemente demarcadas, ainda que seja possível problematizar questões sobre a dimensão da narração e aspectos de ficcionalização. Aqui, direcionamos a compreensão deste livro como uma operação de escrita de si que, com a dimensão de gênero explicitada, permite-nos analisar como uma narrativa que trata da própria vida, no trabalho de elaboração e rememoração, possibilita reinvenção através da escrita de si própria (Rago, 2013, p. 52). Ademais, podemos posicionar esta escrita como uma produção marginal, ainda que Tuqan seja bastante conhecida, sobretudo no mundo árabe, mas pela própria posicionalidade da Questão Palestina no cenário mundial.

Ainda que a autobiografia coloque a tensão entre a projeção e/ou construção do eu, mas formando uma espécie de “pacto”, como desenvolve Lejeune (2014), a autobiografia se associa a uma ideia de identidade individual, e dentro do cânone

masculino ocidental, se solidificou na esfera da mente única, brilhante (McClintock, 2010, p. 453). Com isto, a formulação da ideia de autoficção, termo dado por Serge Doubrovsky em 1977, procura questionar estas definições mais tradicionais da autobiografia, com novas formas de escritas de si “(...) com formatos inovadores: são narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem ‘eu’ sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde” (Figueiredo, 2013, p. 61), características que parecem ser pertinentes à análise da obra da escritora palestina.

Fadwa Tuqan nasceu em Nablus, na Palestina, em 1917, e morreu na mesma cidade, mas agora Cisjordânia, um território ocupado, em 2003. Provinda de uma família proeminente de Nablus, é reconhecida como uma das maiores poetisas árabes modernas (Azzam, 2016). Tuqan nasceu no mesmo ano da Declaração de Balfour, um documento britânico que sinalizava apoio ao projeto sionista de estabelecimento de um lar judaico no território palestino. Para o historiador Rashid Khalidi (2007), no livro *The Iron Cage*, os britânicos contribuíram para a formação de um imaginário que levou ao não reconhecimento da população palestina. Para o autor, “os palestinos nunca foram citados pelo nome, seja como Palestinos ou árabes, e foram referidos apenas como ‘comunidades não judaicas’ (...) seus direitos nacionais e políticos não foram mencionados [...]” (Khalidi, 2007, p. 32, tradução nossa)⁷. É importante destacar, nesse cenário, que junto da presença britânica, outro processo se engendrava no território, isto é, o projeto de colonização pelo movimento sionista, fundado ainda no século XIX, que objetivava a criação de um estado nacional na Palestina. Podemos argumentar que, associado às dinâmicas coloniais do período, estavam a elaboração de sentidos de superioridade em relação à população local, tida como incivilizadas e inferiores (Said, 2012), passíveis, então, de subjugação.

A Palestina, portanto, teve que enfrentar uma situação dupla, e singular, na virada do século XIX para o XX: a dominação britânica e o Sionismo. Por sua vez, Tuqan, crescendo sob o Mandato Britânico, que se estendeu de 1922 a 1948, vivenciou os impactos políticos do controle estrangeiro, bem como os desdobramentos da crescente migração judaica para o projeto colonial pretendido pelo movimento sionista. Compreendemos, assim, que a trajetória de Fadwa Tuqan foi diretamente atravessada por esses processos, e busca-se analisar como estas questões estão colocadas em sua autobiografia.

Neste contexto, visualizamos que o território palestino foi gradativamente alterado, com um ponto de ruptura significativo para a população da Palestina em 1948, com a criação do Estado de Israel, nomeada como a Nakba, a catástrofe palestina. Este processo marcou a expulsão de palestinos do território, cerca de 750 mil habitantes

(Khalidi, 2020), o que levou ao deslocamento forçado da população a regiões dos territórios palestinos que seriam formados, Cisjordânia e Gaza, além de países árabes da fronteira e outros mais distantes, além daquela absorvida ao novo país. Desde a criação de Israel, além do controle político e militar, um corpo de leis, como a *Absentee's Property Law [Lei dos Ausentes de Propriedade]*, de 1950, foi elaborada para impedir o retorno de palestinos a suas terras e casas (Masalha, 2003). Impactada por essa realidade, depois de 1948, Tuqan começou a participar marginalmente das movimentações nacionais palestinas, ainda que sua trajetória tenha iniciado antes mesmo da Nakba, como discutiremos.

Fascinada pelas palavras, sua educação formal foi interrompida ainda criança. A aproximação com a escrita se deu novamente através do irmão Ibrahim (1905-1941), que a ensinou a escrever poesia, ele mesmo um poeta nacional e intelectual conhecido no período. Junto ao aprendizado da poesia e dos grandes poetas da história árabe-islâmica, Tuqan desenvolveu um estilo próprio e passou a mandar poemas para revistas literárias baseadas em locais como Cairo e Beirute, utilizando, nesta fase inicial, pseudônimos (Institute for Palestine Studies, 2019). Com algum sucesso de suas obras, a partir da década de 1950, sua carreira se consolidou mais propriamente. No ano de 1956, por exemplo, ela passou a fazer parte do *Cooperative Cultural Club [Clube Cultural Cooperativo]*, uma organização para promover a cultura palestina constituída em Nablus e dirigido pelo médico Walid Qamhawi (1923-2005), o que possibilitou que Tuqan conhecesse intelectuais e artistas da época, como Kamal Nasir (1924-1973) e Abd al-Karim al-Karmi (1909-1980).

Durante a sua vida, a escritora publicou oito coleções de poesia, e recebeu vários prêmios, como o da *Union of Jordanian Writers [Associação de Escritores Jordanianos]* em 1983, a *Jerusalem medal of PLO [Medalha de Jerusalém da OLP]* em 1990 e o *World Festival of Contemporary Writing [Festival Mundial de Escrita Contemporânea]*, na Itália, em 1992 (Institute for Palestine Studies, 2019). Para Lawrence Joffe (2003), suas publicações traçam a sua própria consciência sobre a luta política palestina, da coleção *My Brother Ibrahim [Meu Irmão Ibrahim]* (1946), para outras como *'Wahdi Ma'a Al Ayyam' [Sozinha com os Dias]* (1952), *'A'tina Huban' [Nos dê amor]* (1960), and *Before The Closed Door [Antes da Porta Fechada]* (1967). Seguindo a proposição de Joffe, entendemos que a autobiografia de Tuqan também segue um percurso da sua luta política, tratando de questões mais pessoais e íntimas para a sua atuação em uma identidade mais pública. Contudo, estas dimensões não estão apartadas e são constitutivas da história e da elaboração pessoal de Tuqan em seu escrito autobiográfico. Nesse sentido, podemos compreender que, ainda que de maneira

intricada, estruturas sociais patriarcais estiveram presentes de maneira contraditória na vida da poetisa, sobretudo ao lidar com o fato de ser mulher naquele contexto, afetando seu vínculo identitário e nacional com a Palestina. Da mesma forma, é necessário visualizar que as próprias relações sociais de gênero são transformadas pela presença colonialista estrangeira. Tentaremos tratar dessa complexidade ao abordar aspectos de seu texto e, também, em uma segunda etapa, a partir do debate historiográfico.

Imersa no contexto pós-Nakba, em 1956, Tuqan teve a oportunidade de viajar com a delegação da Jordânia para Estocolmo, para uma Conferência de Paz. Nesta mesma viagem, Tuqan conheceu a Holanda, a União Soviética, e a República Popular da China. Já na década seguinte, através de um contato, a escritora se mudou para a Inglaterra, local que se tornou sua morada entre 1962 e 1964, onde estudou literatura e língua inglesa em Oxford (Institute for Palestine Studies, 2019). Esta viagem teve grande impacto na vida da escritora.

Depois de sua estada na Inglaterra, Tuqan retornou para Nablus, e passou a morar sozinha na mesma cidade. Esta experiência foi transformada com a ocupação de 1967, durante a Guerra dos Seis Dias, trazendo a artista mais para o cenário público da cidade. Um confronto entre Israel e países árabes, fruto das tensões políticas regionais desde a criação do país, bem como disputas por controle de recursos naturais (Barnett, 1998), a Guerra dos Seis Dias teve resultado desastroso para os países árabes. Para a Palestina, a consequência foi a ocupação de seus territórios, Cisjordânia e Gaza, por Israel, resultando no controle total da chamada ‘Palestina histórica’ (Baconi, 2018). Vale destacar que, de 1967 até o tempo presente, há um processo contínuo de controle militar e da mobilidade de palestinos, com o aprofundamento de assentamentos israelenses na Cisjordânia.

O processo decorrido do ano de 1967 teve implicação profunda na produção de Tuqan, levando suas temáticas de uma tônica mais individualizada para questões sociais e de resistência nacional, um comprometimento da poesia com a causa Palestina (Malt-Douglas, 1990, p. 1). O diário de Fadwa Tuqan, que será abordado mais adiante, registra a violência da ocupação e as angústias da escritora.

A política entre a nação e a opressão: perspectivas de Tuqan

Na obra de Fadwa Tuqan, a observação da sociedade é um ponto crucial para o entendimento de si. Trata-se, portanto, de sua experiência individual e produção de subjetividade em termos de sua relação com o mundo, mas especialmente com relação à família, reflexões que versam sobre ser mulher, e constituir-se enquanto mulher naquela

sociedade. Ao longo das memórias mais pessoais, notas sobre impressões e informações sobre as vidas das mulheres em sua juventude também são recorrentes. Em um dos primeiros momentos de menção sobre a história política da Palestina, Tuqan afirma que dois anos após 1948, assinalado por ela como uma catástrofe, mudanças sociais começaram a ocorrer, inclusive em sua cidade. A escritora afirma que “quando o teto caiu na Palestina em 1948, o véu caiu da face das mulheres de Nablus” (Tuqan, 1990, p. 113, tradução nossa)⁸. Ainda afirma que a sua mãe integrou a primeira geração em Nablus que tirou o véu, e que isso gerou um ar de liberdade. Neste caso, é possível visualizar explicitamente a opinião de Tuqan sobre o uso do véu, relacionado, neste caso, a um sistema gerador de opressões. Sua perspectiva é afirmativa neste ponto, com a externalização de que “[...] o capítulo de gerações de fanatismo foi encerrado” (Tuqan, 1990, p. 25, tradução nossa)⁹. Na sua interpretação, portanto, a Nakba representou uma ruptura na vida palestinos, mas também em arranjos sociais tradicionais, uma vez que a opressão simbolizada pelo véu havia ruído, uma fissura que possibilitaria novas formas de organização da sociedade, ainda que possamos problematizar essa visão trazida pela autora.

Podemos inserir a perspectiva de Tuqan como pertencente a uma geração e um grupo social que interpretou que parte da opressão de gênero – patriarcal, estava associada ao controle religioso, nesse caso, representado pelo uso do véu. De fato, desde o fim do século XIX havia debates sobre o “direito das mulheres”, a exemplo da famosa publicação de 1899 do escritor egípcio Qasim Amin (1863-1908), intitulado *Tahrir al-mar'a* [*A libertação das mulheres*], que se tornou bastante discutido por defender o abandono do uso do véu. Ainda que possamos indagar sobre o caráter dessa publicação, sobretudo por manter certa linguagem dentro de um enquadramento eurocentrado (Selim, 2004), é uma publicação que mostra a circulação da temática no período. Ademais, podemos situar diferentes discussões e projetos para a sociedade da época, incluindo debates de gênero, que vão desde perspectivas mais liberais – como parece ser o caso de Tuqan, quanto de mudança de perspectivas dentro da religião. Miriam Cooke (2000) destaca a importância de escritoras mulheres ainda no século XIX, as libanesas Zaynab al-Fawwaz (1860-1914) e Nazira Zayn al-Din (1908-1976), e a egípcia Huda Sha'arawi (1879-1947), que atuaram para questionar a dominância masculina no conhecimento oficial do Islã, por exemplo.

Assim, a escrita crítica de Tuqan ao uso do véu desdobra para um debate, ainda muito atual, sobre os seus usos, significados e construções simbólicas. A perspectiva de Tuqan, uma poetisa de família proeminente da primeira metade do século XX, compreende a necessidade da retirada do véu das mulheres, e embora esta defesa ainda

seja feita na contemporaneidade, suas vozes encontram também outras bases de sustentação. Especialmente porque a temática do véu foi e é largamente veiculada pela imprensa ocidental e, portanto, é elemento usado para a construção de um imaginário acerca da mulher muçulmana. Assim, Abu-Lughod defende que “(...) o próprio uso do véu não deve ser confundido e nem usado como padrão para a falta de agência” (Abu-Lughod, 2012, p. 459), ou seja, não se deve reduzir o véu como sinal de pouca liberdade (embora seja possível se opor ao uso feito pelo Estado sobre uma política do véu, por exemplo), bem como não simplificar a situação diversa de mulheres a partir de uma peça do vestuário (p. 459-460)¹⁰. Compreendemos que este debate não estava colocado no contexto de Tuqan, ou pelo menos não dessa mesma maneira, situando, naquele contexto, uma proposição imediatamente mais liberalizante da mulher escolher não usar mais a vestimenta. A partir de uma metáfora, Tuqan atribui um evento externo um ponto central para o reconhecimento dessas estruturas internas.

Outras observações de caráter sociológico são narradas por Tuqan, como o fato de que havia pouca educação formal para as mulheres, sendo que em geral as mulheres eram não letradas. Nesse âmbito, Tuqan revela que, em sua perspectiva, a educação estava diretamente relacionada a possibilidade de liberdade. Como rememora em sua autobiografia, existia um grupo de mulheres formado por professoras que correspondia a uma parcela pequena das que tiveram possibilidade de prosseguir com estudos (Tuqan, 1990, p. 94), uma profissão considerada aceitável para mulheres. Para ela, ainda, as professoras entendiam a importância de serem independentes economicamente, porém não estariam completamente emancipadas, já que ainda estava subordinada a uma série de tradições (1990, p. 94).

Em outros momentos, suas conclusões sobre a estrutura social emergem no sentido de relacionar a emancipação também à possibilidade de mobilidade. O espaço privado, portanto, era lido negativamente por Tuqan, uma espécie de isolamento, sendo as mulheres vítimas de uma vida dependente (1990, p. 106), moldes sociais que ela tentava se afastar mentalmente e fisicamente. Tuqan afirma que no espaço da casa, “[...] o homem fazia com que suas irmãs e primas envelhecessem prematuramente, um declínio acelerado pela subjugação e coerção. Eu nunca conheci essas vítimas além de mulheres idosas. Cada uma era idosa desde os vinte e cinco anos” (Tuqan, 1990, p. 106, tradução nossa)¹¹. E continua ao concluir que “elas não tinham amigos; elas não tinham vida privada. Moças de cabelos grisalhos e rostos prematuramente enrugados pela repressão” (Tuqan, 1990, p. 106, tradução nossa)¹².

Em suas ponderações, as noções de liberdade estão articuladas à possibilidade de movimentação, o que implica, internamente, em uma liberdade de pensamento – e o

papel da educação, por exemplo, e uma independência espacial e econômica. Interessante perceber que estas questões são trazidas por Tuqan na observação da sociedade palestina da primeira metade do século XX, mas também presente em várias outras análises sobre sociedades diversas (Saffioti, 1969), o que nos leva a refletir que as relações de opressão de gênero não estão circunscritas a uma cultura – como algo essencial, mas como resultado de uma dinâmica histórica, que tem suas particularidades regionais, contudo, que podem ser pensadas a partir da organização dos sistemas patriarcais dentro de determinados arranjos políticos e econômicos. Tuqan não empreende essa reflexão, colocando seus sentimentos íntimos como forma primeira de manifestação da sua vida na obra, bastante crítica da sua sociedade, sobretudo porque estes ficaram marcados como cicatrizes, tempos difíceis e infelizes que a atravessaram na sua juventude. Ademais, nota-se que a poetisa trata do isolamento que mulheres vivenciavam dentro de suas casas. Na trajetória contada por Tuqan, ela viveu um próprio isolamento de forma a lidar com essas opressões e se afastar destes arranjos sociais. Nesse sentido, seu distanciamento psicológico e subjetivo pode ser lido como uma estratégia de sobrevivência e uma marca peculiar na escrita de sua autobiografia, pelo menos em seus anos mais jovens.

A movimentação política esteve ao seu redor durante a juventude, embora a escritora tenha se relacionado de maneira bastante particular, como narra em sua autobiografia. A poetisa ressalta o espaço intelectual e político de Nablus, como caracterizado por insubordinação e revolta. Para ela, a cidade manteve sua tradição de luta e de resistência a autoridades, especialmente como reação ao Mandato Britânico e ao movimento sionista. Como um espaço de reflexão intelectual, Tuqan ressalta que um grupo de homens criou um espaço de debate nacional, assim como participavam do Clube, já citado anteriormente. Descreve a autora que “o Clube Árabe começou a convidar pensadores, homens de letras e poetas palestinos e árabes para ler, o que deu à cidade uma incandescência cultural, além de sua fama política patriótica” (Tuqan, 1990, p. 71, tradução nossa)¹³. Neste contexto, seu irmão, Ibrahim Tuqan, tornou-se um ícone pelas poesias nacionalistas, que exploravam a consciência palestina, reverberando, segundo a poetisa, não só entre o Clube, mas entre a população em geral, cada vez mais mobilizados pela luta de libertação.

Seu questionamento acerca do entrelaçamento entre política e poesia era constante, e fortemente atravessado por indagações sobre a sua condição enquanto mulher. Como relata, a sua posição social não permitia que participasse ativamente do tipo de vida que um poeta deveria ter idealmente – uma atuação pública. Seu isolamento

enquanto jovem a fez desenvolver a poesia dentro do universo dos livros, e não necessariamente como participante do meio intelectual, algo que vai ocorrer mais tarde em sua carreira. Como relembra, após a morte de seu irmão Ibrahim, em 1941, seu pai pedia para que escrevesse poesia de cunho político quando havia algum acontecimento nacional marcante. Nestas ocasiões, silenciosamente, ela respondia ao pai,

Como e com que direito ou lógica o Pai me pede para compor poesia política, quando estou trancada dentro dessas paredes? Não sento com os homens, não ouço suas discussões acaloradas, nem participo da turbulência da vida do lado de fora. Ainda não estou familiarizada com a face do meu país, pois não tenho permissão para viajar (Tuqan, 1990, p. 107, tradução nossa, grifos no original)¹⁴.

Este relato é emblemático quanto ao problema da identidade nacional vista sob a perspectiva de gênero, e escancara de maneira não romantizada a relação com o nacionalismo. Nesta reflexão, Tuqan atribui o seu ambiente familiar como um contribuinte para o não interesse com o mundo externo e, mais, a proibição de participação em atividades de um modo geral. Dessa maneira, Tuqan compreende que a pressão do pai para a escrita nacional não a tocava, já que eram tópicos que não tinham nenhuma conexão com sua realidade. Esta questão a faz refletir sobre o papel do/a próprio/a poeta/isa, visto que, ao mesmo tempo em que atribui que o/a poeta/isa deve conseguir falar de coisas que envolvem o mundo – portanto, capaz de se conectar com o/a leitor/a –, o poeta também deve escrever algo que faz sentido no seu mundo interno.

Nesse âmbito, Tuqan conclui que “ler os jornais, por mais importante, não foi suficiente para acender a chama da poesia política dentro de mim. Eu estava completamente isolada da vida por fora. Esse isolamento me foi imposto” (Tuqan, 1990, p. 109, tradução nossa)¹⁵. A escritora coloca, de certa forma, que sua emancipação social seria um passo essencial para o conhecimento do mundo e, nesse aspecto, para a poesia política nacionalista. Como afirma Salma Jayyusi (1990, p. xi), no prefácio ao livro, um ponto central do trabalho de Tuqan é sua aproximação a grandes problemas existenciais, como por exemplo, o significado da liberdade individual em meio a fundação da liberdade coletiva no contexto da luta por libertação nacional. Nas palavras de Tuqan:

Como eu não era socialmente emancipada, como eu poderia fazer guerra com minha caneta pela liberdade política, ideológica ou nacional? Ainda me faltava maturidade política, assim como não tinha dimensão social. Eu possuía apenas uma dimensão literária que ainda estava incompleta (Tuqan, 1990, p. 110, tradução nossa)¹⁶.

Seu amadurecimento literário e político esteve intimamente ligado com mudanças contextuais, e nesse sentido, com as alterações das estruturas sociais, ainda

que de maneira violenta. Como dimensionado, o ano de 1948 é marcante pela catástrofe sobre a população palestina, a Nakba, mas também em sua vida pessoal, com a morte de seu pai. Podemos situar como, possivelmente, a perda do pai teve impacto na transformação de sua escrita e posicionamento político. Também pode-se compreender que o problema territorial palestino com o Estado de Israel, uma ruptura efetivada no contexto de sua vivência, ascendeu seus sentimentos políticos, com o testemunho de refugiados que chegaram em Nablus.

Como relata, este cenário foi marcante para o desbloqueio de sua escrita: “eventualmente minha língua foi libertada. Escrevi a poesia patriótica à qual meu pai tantas vezes desejava me ver me dedicar no lugar de Ibrahim. Escrevi essa poesia voluntariamente, sem nenhuma coerção externa” (Tuqan, 1990, p. 113, tradução nossa)¹⁷. Com a questão política escancarada e, sobretudo, uma realidade social a qual Tuqan teve contato direto, a autora reflete sob outro parâmetro o papel da poesia, voltado para as questões sociais, sendo o/a poeta/isa concebido/a mais em sua coletividade do que em uma individualidade – ainda que não sejam dimensões totalmente opostas, aquilo que pode ser entendido, de modo amplo, como uma escrita de resistência¹⁸. Contudo, mesmo se voltando para a poesia política, Tuqan manteve em sua narrativa sua constante batalha interna, pela sua dificuldade de se engajar com o mundo público, a que ela atribui como não natural para ela.

Em momento posterior, Tuqan foi transformada pela ocupação israelense de 1967, e isto teve impacto pessoal em sua vida. Podemos atribuir as suas próprias vivências, desde 1948 e pelo fato da poetisa viver uma vida mais autônoma, dentro de suas perspectivas abordadas como parte da sua experiência na juventude. Em suas palavras:

Não experimentei o sabor dessa participação ou conheci sua intensidade e doçura até a guerra de junho de 1967 (...)A ocupação de Israel me trouxe de volta meu senso de ser uma entidade social. Foi apenas sob a sombra da ocupação, quando comecei a conhecer grandes audiências através da minha leitura de poesia [...] (Tuqan, 1990, p. 88, tradução nossa)¹⁹.

A escritora reforça o fato dessa experiência ser marcante para sua poesia, embora em outras ocasiões já tivesse escrito versos patrióticos, inspirado muitas vezes nos versos do seu irmão Ibrahim (1990, p. 71). Nos trechos de seu diário, dos anos de 1966 e 1967, o nacionalismo e a ocupação invadem parte de suas reflexões, ao falar dos refugiados e da beleza de seu país (1990, p. 184-185).

Ou mesmo ao se tornar a testemunha da violência, vivenciando-a como uma pessoa qualquer, mas com impactos na sua vida literária e intelectual. Tuqan escreve em

seu diário: “um mês de ocupação se passou. Eu sou incapaz de escrever uma linha de poesia” (Tuqan, 1990, p. 191, tradução nossa)²⁰. E segue, “Mais um mês se passou e eu não escrevi nada... Silêncio... silêncio contínuo... no entanto, é um silêncio consciente, consciente e vigilante, não um silêncio de ausência e vazio” (Tuqan, 1990, p. 191, tradução nossa)²¹. É possível observar, a partir das reflexões de Tuqan, que a questão nacional está no centro da identidade palestina, embora haja uma relação complexa e ambígua de possibilidade de representação política. Portanto, não se determina uma hierarquia entre nação e gênero, já que estes tópicos se negociam pela crítica à estrutura social, e o posicionamento dentro da luta. Entretanto, Fadwa Tuqan não omite críticas à sociedade palestina da época, denunciada como patriarcal, direcionando para o processo individual e subjetivo para encontrar sua identidade nacional revisitando e questionando a nação.

Nação e gênero: debates literários, intelectuais e historiográficos

A história da Palestina é atravessada pela violência da colonização, fazendo-se necessário refletir sobre como esta incide na luta e a identidade nacional. Nesse sentido, o direcionamento do olhar para a literatura traz um elemento fundamental destacado pela historiadora Miriam Cooke (1996, p. 15, tradução nossa): a preocupação com “as formas às quais pessoas que já viveram guerras contam suas histórias, porque histórias influenciam como as próximas guerras serão lutadas – e depois contadas”²². Cooke chama atenção para os modos de se operar uma guerra ao atentar para elementos narrativos que, potencialmente, se reproduzem ao reforçar padrões, estilos, binarismos e mitos. Esta discussão tem grande relevância para a problemática em questão, já que Fadwa Tuqan questiona padrões da sociedade em que vivia, por vezes tensionando seu sentimento em relação à luta nacional e a opressão sentida por ela.

Nesse sentido, é fundamental refletir sobre as temáticas da nação e das questões de gênero, e como estas se engendram no caso específico da Palestina. Parte do encontro entre gênero e nação estabelece-se na produção cultural, transformada em história nacional, que no caso palestino, equaliza Estado e libertação. Entretanto, na guerra, como discute Therese Saliba (2002), discursos contraditórios convivem, como por exemplo, a existência do discurso nacionalista que enfatiza os papéis de gênero, mas que, ao mesmo tempo, “[...] pode operar como catalisador para mudança, destruindo barreiras tradicionais entre homens e mulheres” (Saliba, 2002, p. 134, tradução nossa)²³.

A escritora Lisa Badr informa que, como aborda Saliba (2002, p. 138), para se pensar sobre mulheres e a relação com a guerra, há um duplo movimento: a

exterioridade, a violência externa, e a interioridade, os elementos de tradição e herança que tem oprimido mulheres. Em perspectiva semelhante, Barbara Harlow (2002), especialista em literatura de resistência, reafirma as noções complexas entre nação, colonialismo e patriarcado, em que mulheres sentem a violência no exterior e no interior de suas culturas. Desta forma, a análise sobre as formas de violência não deve ser feita de maneira isolada, ou mesmo atribuindo um caráter essencializado às dinâmicas sociais existentes. Isto é, o gênero não é um subproduto das relações da sociedade, mas parte constitutivo, que atravessa simultaneamente elementos econômicos, políticos e culturais. Isto nos ajuda a compreender as percepções de Tuqan sem atribuir um “atraso” da sociedade palestina, bem como traçar aspectos estruturais do período, como o colonialismo, mesmo que não aprofundados analiticamente por Tuqan, que tem um outro enfoque ao narrar sua vida.

Nesse âmbito, sobretudo para o contexto pós-1948, é importante elucidar as formas de violência contra mulheres, já que estas ocorrem a partir “(...) do assalto ao corpo de mulheres pela combinada força da ocupação militar de Israel e as brutalidades domésticas de seus próprios homens de dentro da família e de sua casa” (Harlow, 2002, p. 127, tradução nossa)²⁴. Estas forças violentas também são vistas nas produções culturais, com “(...) depredações cometidas contra as histórias das mulheres pelos ensaios dos léxicos da poesia do amor e das retóricas do nacionalismo” (p. 127, tradução nossa)²⁵. Portanto, em consonância com o desenvolvido por Barbara Harlow e Nadera Shalhoub-Kervokian (2009), as experiências de mulheres palestinas não devem ser analisadas sem um exame apropriado da intersecção das estruturas de violência israelense, o patriarcado, as ideologias nacionais e a negação da Questão Palestina. Nesse âmbito, como se vem argumentando, a análise sobre as relações de gênero – incluindo as percepções de Tuqan, deve ser ampliada para a dimensão basilar desse processo histórico, isto é, a Nakba e a própria luta por reconhecimento dos palestinos.

Ademais, isto não quer dizer uma dissociação completa das noções de direitos das mulheres e o nacionalismo, inclusive, pelo contrário no caso da Palestina, onde a consciência feminista se desenvolveu lado a lado com a resistência nacional (Ball, 2012). Entretanto, Anna Ball faz uma ressalva, apontando que “isso não quer dizer que estes sempre operaram nos mesmos auspícios, nem que estes sempre estiveram enfatizados igualmente, e existem muitas tensões implicadas nessa ‘dupla luta’” (Ball, 2012, p. 48, tradução nossa)²⁶, compreendendo a luta por libertação nacional e das mulheres. Portanto, para além da ocupação israelense e seus desdobramentos, deve-se discutir os efeitos do nacionalismo e/ou de projetos nacionais em relação à vida das mulheres, como parece ser um dos enfoques de Tuqan em sua autobiografia. Noção esta

também visível na fala da escritora egípcia Salwa Bakr (1949 -), que externaliza os desafios de escrever com seus próprios olhos: “(...) ela [Bakr] fala sobre o ‘o olho literário masculino’ que objetifica mulheres e suas experiências, e como ela se sente impelida em criar uma nova linguagem literária para lidar com o mundo das mulheres como realmente é” (Al-Nowaihi, 2002, p. 72, tradução nossa)²⁷.

Quando se aborda a temática de gênero em termos de resistência, esta pode tomar muitas formas. Há um extenso debate acerca desses elementos, trazendo à tona tensões e relações possíveis entre nacionalismo e feminismo. Nesta abordagem, o feminismo não é analisado para situar uma linha específica, ou mesmo para afirmar, necessariamente, que as autoras articuladas se declaram feministas. Entretanto, podemos refletir sobre o termo feminismo para dar sentido às preocupações de pessoas, em especial mulheres, que procuram centralizar suas inquietações para falar e denunciar os problemas vivenciados por mulheres. Complementarmente, Miriam Cooke (2000, p. 7, tradução nossa) afirma que, ao refletir sobre a presença do feminismo islâmico na literatura, o uso de termo feminista é “(...) para se referir a mulheres que pensam e fazem algo para mudar a expectativa dos papéis sociais e responsabilidades de mulheres”²⁸. Seguindo esta perspectiva, Ana Ball (2012) analisa que as obras de Fadwa Tuqan poderiam ser enquadradas como feminista, ainda que a autora nunca tenha se autodefinido dessa maneira, contudo, sua produção, concentrada na questão das mulheres, formaria uma espécie de “consciência feminista invisível” (Ball, 2012, p. 52). Contudo, devemos ressaltar que o próprio termo “feminismo” é tomado de ambivalência no contexto árabe e palestino. Como nos informa Saliba (2002, p. 85), o termo não existe na língua árabe, embora *tahrir al-ma'rah*, que significa *liberação das mulheres* tenha um uso recorrente. Em termos literários, tem-se utilizado *katibaat ijtima'iyat niswiyya*, ou *escrita social de mulheres*. No trabalho de Ana Ball (2012), a pesquisadora afirma que há ocorrência do uso *nisai* [“feminista”, “feminina”] e, mais contemporaneamente, o termo *al-nasawiyya* como uma equivalência mais precisa para o “feminismo”, embora aponte resistência de algumas organizações de usar o termo por conta da recepção de seus trabalhos (Ball, 2012, p. 9) ou, ainda, por conta do enquadramento ocidental²⁹ do termo (Saliba, 2000).

Do ponto de vista institucional, movimentos organizados por mulheres surgiram nas décadas de 1920 e 1930 em várias regiões como o Egito, Líbano e Palestina. Segundo Salma Khadra Jayyusi (2002, p. 9, tradução nossa), o colonialismo, em grande medida, atrasou a liberação de mulheres, já que “a hegemonia do colonialismo (...) produziu uma reação adversa entre os árabes contra o liberalismo ocidental e a liberdade social que abraçava, e os vários movimentos religiosos no mundo árabe, cujo

crescimento era também amplamente ditado pelo colonialismo”³⁰. Por exemplo, no livro de Musih al-Musawi (2003, p. 42), o teórico demonstra como as políticas coloniais variavam em relação à perspectiva da educação feminina, também de forma a enfraquecer a cultura islâmica. O que levou, por outro lado, a diversas reações e a um ativismo crescente, a exemplo da escritora libanesa Salma Sayigh (1889-1953), que publicou seus relatórios das visitas que fez a prisões femininas administradas pela França, pedindo melhores condições, direitos e liberdade (Al-Musawi, 2003, p. 43). Na Palestina especificamente, mulheres atuaram de diferentes formas, através de organizações, destacando-se, por exemplo, uma comissão de mulheres palestinas que apresentaram, em 1929, uma petição para a esposa do administrador britânico da região (em inglês, o cargo de *High Commissioner*), pedindo a revogação da Declaração de Balfour (Sharoni, 1995, p. 59).

Seguindo com Eileen Kuttab (2009), o processo do nacionalismo teve um efeito libertador, bem como serviu de ferramenta para legitimar o ativismo político dos palestinos, seja na década de 1920, ou mesmo durante o processo de Intifada, já na década de 1980. Para a autora, esse efeito libertador permitiu – em especial para as mulheres – um papel civil, na esfera pública, além de uma construção de uma identidade de gênero. Nessa perspectiva, o nacionalismo não é visto como primordialmente negativo e opressor, ainda que Kuttab compreenda os limites da inserção das mulheres no movimento nacional:

Embora a participação das mulheres palestinas na luta nacional tenha sido percebida como uma condição necessária, mas não suficiente para sua emancipação como mulheres, elas ainda expressam sua crença de que a luta pela libertação das mulheres não é distinta da independência nacional e, ao mesmo tempo, não constitui um paradoxo (Kuttab, 2009, p. 106, tradução nossa)³¹.

Nesta citação, a autora disserta sobre o paradoxo da condição da libertação por estágios, ao mesmo tempo em que dimensiona a intimidade das duas lutas. Em outro momento do texto, a autora chega a reforçar esta ideia de etapas de libertação: “teria sido irrealista para o movimento das mulheres priorizar questões e direitos das mulheres, enquanto toda a população palestina, homens e mulheres igualmente, estavam sendo negados de seus direitos humanos básicos e direitos nacionais” (Kuttab, 2009, p. 106, tradução nossa)³². Sob esta perspectiva, a agenda nacional se forma como prioritária, em contraposição direta ao colonialismo, ainda que esta visão seja passível de críticas, especialmente por visualizar estes movimentos da sociedade enquanto agendas relativamente separadas.

Cabe destacar também, que para o caso da Palestina, as formas de construção do

nacionalismo e dos movimentos nacionais se transformaram ao longo do século XX, como resposta a presença estrangeira e colonial na região. Como dimensionado, e presente no cenário de Tuqan, já em meados do século XX, nota-se um cenário efervescente na Palestina que debate a presença britânica e sionista, por exemplo, presente em publicações de periódicos e literatura na região (Khalidi, 1997; Peled, 1982). Expressão importante neste contexto pré-Nakba, por exemplo, é a eclosão da chamada Revolta Árabe, que ocorreu entre 1936 e 1939, que pode ser entendido como uma resistência de cunho nacionalista, e que foi duramente reprimida pelas forças do Mandato Britânico (Seikaly, 2016). No contexto do pós-1948, é importante mencionar que centros de cultura sofreram uma regressão em razão da destruição de espaços e cidades no processo de criação de Israel, o que impactou também na possibilidade de articulação de uma resistência nacional ou organização mais coesa. Uma mudança significativa nesta mobilização nacional, institucionalizada, ocorreu no final da década de 1950 e ao longo da década de 1960, sobretudo com a fundação da OLP, a Organização para a Libertação da Palestina, em 1964, uma organização política que passou a representar os palestinos e suas demandas por autodeterminação. Como discutido, podemos compreender que Tuqan está presente nos diferentes cenários da mobilização nacional palestina, e sobretudo em sua atuação mais pública na década de 1960, possivelmente impactada por uma agenda nacional mais estruturada neste contexto, além do marco impactante da Guerra dos Seis Dias e na perspectiva de transformação da luta palestina nos pós-1967, em decorrência da ocupação dos territórios palestinos. Depois desse período há também uma mudança de percepção da Questão Palestina, mais direcionada ao entendimento de uma luta dos palestinos, evidenciando tensões com relação aos estados árabes.

Para a escritora palestina Lisa Badr, a emancipação da Palestina encontra-se inseparável da luta por liberação das mulheres. Seguindo as suas ideias, apresentadas por Therese Saliba (2002), a escritora afirma que “preocupações de mulheres devem ser desta forma endereçadas dentro do enquadramento político do nacionalismo, mesmo quando a participação das mulheres transforma simultaneamente estratégias de resistência nacional” (Saliba, 2002, p. 136, tradução nossa)³³. Nessa perspectiva, qualquer alteração da condição da mulher perpassa, necessariamente, pela questão nacional, redirecionando formas de estruturação de luta. Em outras palavras, a perspectiva não parte de uma luta nacional estabelecida a qual mulheres devem aderir, mas o fato de que as mulheres transformam internamente a estruturação do movimento nacional em função de sua posicionalidade na sociedade. Lisa Badr endereça esta questão, por exemplo, ao centrar sua produção literária no tema de acesso à educação de

meninas, um elemento também trazido nas memórias de Tuqan. Nas palavras de Ana Ball sobre esta dimensão: “avançar a educação de mulheres pode ser lido como um ato feminista já que imbuí mulheres com a possibilidade de autorrepresentação em nível pessoal e político (Ball, 2012, p. 62, tradução nossa)³⁴. Por outra perspectiva, a escritora libanesa Evelyne Accad (1943 -) defende que uma revolução feminista deve preceder e informar o nacionalismo (Saliba, 2002, p. 140), ao compreender a centralidade da questão da sexualidade no processo de libertação nacional. Em uma direção similar, Veena Das (1997, p. 17) parece questionar a possibilidade de um estado nacional ser capaz de despir-se das estruturas de normatizações existentes, sendo necessária uma nova teoria de comunidade para proceder uma transformação na sociedade.

A escritora palestina Sahar Khalifeh, bem como Fadwa Tuqan, em pronunciamentos, criticam simultaneamente Israel, Estados Unidos e a própria sociedade, compreendendo que a agenda feminista inclui todas essas questões, interligadas ao contexto do movimento nacional. Desta forma, de acordo com Miriam Cooke (1996, p. 170, tradução nossa), “elas argumentam que assim como os liberacionistas lutam para se libertarem de Israel, só terão êxito se eles transformarem as relações de gênero, então a revolução social-feminista deve incluir uma vitória política para a nação palestina”³⁵. Nessa dimensão, os elementos estão em simbiose e se movem juntos – resultando na dificuldade da consolidação de um movimento nacional coeso. Em entrevista mais recente, Khalifeh (2020) enfatiza que as lutas nacionais e de gênero são similares, mas ganham proporções diferentes:

A luta das mulheres pela libertação não é muito diferente daquela da nação. Uma é tão política quanto a outra. A diferença é que a política nacional é glorificada, coroada com uma auréola. Mas quando se trata da luta feminista e sexual, há desafios, resmungos e acusações arbitrárias que às vezes atingem as alturas da heresia ou até traição (Khalifeh, 2020, s/p, tradução nossa).³⁶

Outra questão também pode ser dimensionada, que diz respeito ao próprio sentido do conteúdo narrado. A tensão em abordar a questão nacional impacta nos desafios de falar criticamente sobre o tema, e sobretudo, no silenciamento histórico de “assuntos de mulher”. Podemos, então, refletir sobre a formação de um modelo cultural nacional mais homogêneo, uma certa integralidade que escamoteia diferentes grupos de dentro da nação, um paradigma próprio do Estado moderno. Assim, “os textos de autoria de mulheres levantam interrogações acerca de premissas críticas e formações canônicas, bem como tensionam as representações dominantes calcadas no discurso assimilacionista de um sujeito nacional marcado pela diferença” (Schmidt, 2019, p. 66).

No cenário palestino, se por um lado, versar sobre a nação permitiu às mulheres ter uma certa liberdade de escrita, por outro, havia uma pressão sobre o conteúdo autocrítico da nação. Ou, ainda, uma produção, ao abordar relações de gênero, ser considerada “somente” feminista.

Podemos compreender, a partir deste debate que, embora não haja uma contradição primordial entre uma perspectiva nacional e outra alicerçada em debates de gênero – sobretudo em relação aos direitos de mulheres, há dinâmicas conflituosas e estruturas postas em tensão, resultando em realidades nomeadas por Ball (2012) como uma ‘dupla luta’. Visualizamos também que, embora estas problemáticas não incidam somente para a Palestina, uma vez que é possível observar estes ordenamentos em outras sociedades, há um ponto central importante para o caso palestino, que diz respeito à libertação nacional. Neste caso, ressaltamos que se trata de uma luta anticolonial, organizada ao longo do século XX e XXI e que, em larga medida, se estruturou a partir de formas impositivas de conformação social, como o próprio modelo de estado nacional moderno – europeu. Nesse sentido, problematizar os debates de gênero e seus tensionamentos com a causa nacional requer uma análise atenta a esses processos mais amplos e complexos. Podemos, portanto, visualizar a escrita e a memória de Tuqan como parte destas questões, também abordadas por outras autoras palestinas como Khalifeh e Badr, mencionadas neste tópico.

Considerações finais

Este artigo buscou abordar a trajetória da poetisa palestina Fadwa Tuqan, tomando como análise o seu livro autobiográfico, *Uma Jornada Montanhosa: autobiografia de uma poetisa*. Nesta publicação, Tuqan explora sua experiência de vida na juventude, sua vivência familiar e as dimensões políticas que a Palestina enfrentava já nas primeiras décadas do século XX. Ao trazer todos esses elementos, Tuqan reflete sobre sua condição como mulher em meio a este cenário, seus sentidos de isolamento e participação pública como experiências centrais na sua formação literária.

Na primeira parte do artigo, portanto, pudemos discutir alguns temas trazidos pela autora, sobretudo em sua tônica crítica acerca das dinâmicas sociais, e como estas impactaram na sua aproximação da política nacional. De forma a ampliar estas questões visualizadas na autobiografia de Tuqan, a segunda parte do artigo pretendeu realizar um percurso sobre o debate acerca da nação e do gênero, compreendendo que este é um tópico trazido pela perspectiva literária e intelectual, como pudemos observar a partir de algumas escritoras palestinas além de Tuqan, bem como uma temática amplamente

discutida pela historiografia contemporânea. Como parte fundamental destas problematizações, está a perspetivação do impacto e transformações das relações de gênero em meio ao processo de formação de Israel e seus desdobramentos. Como dimensionado, ainda que Tuqan não faça isso diretamente em sua produção – sua construção textual parte de outro panorama, íntimo e pessoal, enfatizamos a relevância da abordagem do tema para a compreensão da formação nacional palestina, suas singularidades e complexidades.

Esta questão permite refletirmos também acerca do próprio material trabalhado e a natureza de uma produção autobiográfica. Como mencionado, a autobiografia tem um caráter singular pois trata-se de uma produção em que a autora é a própria protagonista da narração, e esta forma implica dinâmicas objetivas e subjetivas de escrita e organização de informação e sentimentos, além de lidar com o distanciamento temporal e processo de memorialização do narrado. Nesse sentido, trabalhamos com a noção da escrita de si e as formas de narração e o conteúdo organizado por Tuqan nesta obra. Conjuntamente a este sentido íntimo do material autobiográfico, pudemos problematizar a escrita de si como tendo uma dinâmica individual e coletiva, rompendo com a autobiografia dita clássica, e sobretudo, masculina.

Como destaca Régine Robin (2002, p. 47, tradução nossa), tratando da autoficção, há uma polifonia de vozes enquanto estratégia narrativa de textos contemporâneos, “(...) que vão do duplo ao ventríloquo, passando pelos efeitos vocais: voz de dentro, voz de fora, vozes atuais, vozes antigas (...)”³⁷, configurando um discurso estético, político e que criam relações entre o público e o privado. Se seguirmos por essa proposição, esta dimensão cria uma própria referencialidade com os elementos rememorados por Tuqan.

Estas considerações ainda dialogam com as reflexões propostas por Muhsin al-Musawi (2003), que observa novos contratos de intimidade e formas literárias renovadas a partir de escritoras mulheres. Para o autor, estratégias da pós-modernidade são requisitadas, como ironia e ambiguidade, ainda que associadas a questões próprias de uma literatura pós-colonial, isto é, a procura de uma identidade, individual e nacional. Desta maneira, o estilo narrativo é “(...) frequentemente fragmentado, tenso e enigmático para articular as ansiedades do amor e desencanto, e a tentativa desnordeada de dar sentido ao caos (...) onde a guerra e o casamento acontecem ao mesmo tempo (...)” (Al-Musawi, 2003, p. 3, tradução nossa)³⁸. Assim, esta escrita de si pode ser pensada enquanto uma ferramenta de compartilhamento menos do prazer do que as angústias femininas (Figueiredo, 2013, p. 72), através de métodos específicos para lidar com a realidade: a partir da ênfase do cotidiano; da elaboração de uma

singular micropolítica (Al-Musawi, 2003, p. 152); da centralidade da figura feminina em relação a sobrevivência da tradição; do olhar renovado sobre o espaço; e da apresentação de múltiplos pontos de vista. Complementarmente, os escritos femininos estabelecem uma identidade de relação e de reconhecimento, onde a identidade é fundamentalmente comunitária (social, nesse aspecto), e não heroica e individual, portanto, a “história de vida é a vida coletiva e transcrita de uma comunidade de mulheres – não tanto para o registro perfeito do passado quanto uma estratégia de sobrevivência da comunidade” (McClintock, 2010, p. 458). Assim, como analisado na autobiografia de Fadwa Tuqan, ainda que partindo de uma posicionalidade do indivíduo, sua crítica à sociedade acompanha as transformações do território palestino, e estas impactaram na sua formulação subjetiva e pública para uma linguagem nacionalista, ainda que dentro de contradições vivenciadas por ela.

Referências:

- ABDUNABIEV, Sunnat. Features Of The Genre «Rihla» (Travel Story) In Arabic Prose And It's Role In World Literature. *Current Research Journal Of Philological Sciences*, v. 5, n. 4, p. 28-34, 2024.
- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2), p. 451-470, 2012.
- AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- AL-MUSAWI, Muhsin J. *The Postcolonial Arabic Novel: debating ambivalence*. Leiden & Boston: BRILL, 2003.
- AL-NOWAIHI, Magda M. Revisioning National Community in Salwa Bakr's "Golden and Community in Arab Women's Novels. New York: Syracuse University Press, 2002. p. 68-93.
- AZZAM, Zeina. Palestine Profiles: Poet Fadwa Tuqan. *The Jerusalem Fund*. 2016. Disponível em: <https://www.thejerusalemfund.org/7807/palestine-profiles-poet-fadwa-tuqan>. Acesso: 11 ago. 2024.
- BALL, Anna. *Palestinian Literature and Film in Postcolonial Feminist Perspective*. NY & UK: Routledge, 2012.
- BARNETT, Michael. *Dialogues in Arab Politics: Negotiations in Regional Order*. New York: Columbia University Press, 1998.
- COOKE, Miriam. *War's other voices: women writers on the Lebanese Civil War*. New York: Syracuse University Press, 1996.
- COOKE, Miriam. *Women claim Islam: creating Islamic Feminism through literature*. NY/London: Routledge, 2000.

DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. Oxford: Oxford India Paperbacks, 1997.

FIGUEIREDO, Carolina F. de. *Mil e uma Palestina(s): dimensões de narração, construções espaço-temporais e inscrição de cultura a partir da literatura de escritoras palestinas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres no espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GENNARI, Marianne S. As mulheres no cenário literário árabe. *Blog - Tabla*. 2021. Disponível em: <https://editoratabla.com.br/as-mulheres-no-cenario-literario-arabe/>. Acesso: 17 jan. 2022.

HARLOW, Barbara. Partitions and Precedents: Sahar Khalifeh and Palestinian Political Geography. In: MAJAJ, L.; SUNDERMAN, P.; SALIBA, T. *Intersections: Gender, Nation, and Community in Arab Women's Novels*. New York: Syracuse University Press, 2002. p. 113-131.

INSTITUTE for Palestine Studies. Fadwa Tuqan. 2019. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/6580/fadwa-tuqan>. Acesso: 14 dez. 2019.

JAYYUSI, Salma. Foreword. In: TUQAN, Fadwa. *A mountainous Journey: a poet's autobiography*. Translated from the Arabic by Olive Kenny [Poetry translated by Naomi Shihab Nye]. London: The Women's Press, 1990. p. VII-XIII.

JAYYUSI, Salma. Modernist Arab Women Writers: A Historical Overview. In: MAJAJ, L.; SUNDERMAN, P.; SALIBA, T. *Intersections: Gender, Nation, and Community in Arab Women's Novels*. New York: Syracuse University Press, 2002. p. 1-32.

JOFFE, Lawrence. Fadwa Tuqan. *The Guardian* [online]. 15/12/2003. Disponível em <https://www.theguardian.com/news/2003/dec/15/guardianobituaries.israel>. Acesso: 14 dez. 2019.

KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 1997.

KHALIDI, Rashid. *The iron cage: the story of the palestinian struggle for statehood*. UK: Oneworld Oxford, 2007.

Artigo recebido em 12/08/2024

Aceito para publicação em 10/11/2024

Editor(a) responsável: Ana Luiza Mendes Veríssimo

¹ Este artigo deriva de discussões desenvolvidas em Tese de Doutorado (Figueiredo, 2022), intitulada “Mil e uma Palestina(s): dimensões de narração, construções espaço-temporais e inscrição de cultura a partir da literatura de escritoras palestinas na contemporaneidade”, concluída em 2022.

³ Cabe destacar que *Rihla* é um gênero literário no contexto da escrita árabe, que se refere à jornada ou

viagem, bem como a escrita desta jornada. *ARihlaé* largamente conhecida a partir de escritores do período medieval, como Ibn Battuta. Ainda que entendendo as transformações deste tipo de escrita literária, ressaltamos um elemento constitutivo do gênero, associado a possibilidade de adquirir conhecimento e de realizar uma viagem espiritual (Abdunabiev, 2024, p. 30).

⁴ [No original]: “A seed does not see the light without first cleaving a difficult path through de earth” (Tuqan, 1990, p. 11).

⁵ [No original]: “this story of mine is the story of the seed’s battle against the hard rocky soil; a story of struggle, deprivation and enormous difficulties” (Tuqan, 1990, p. 11)

⁶ [No original]: “[...] to break off shaply any relations with her family tradition [...] and from the literary point of view, this is also an attack on the traditional autobiographical form itself, one of whose function is the sanctification of family structures” (Malti-Douglas, 1990, p. 3).

⁷ [No original]: “the Palestinians were never once cited by name, whether as Palestinians or as Arabs, and were referred to only as “non-Jewish communities,” (...) their national and political rights were [not] mentioned [...]” (Khalidi, 2007, p. 32).

⁸ [No original]: “When the roof fell in on Palestine in 1948, the veil fell off the face of the Nabluswomen” (Tuqan, 1990, p. 113).

⁹ [No original]: “[...] the chapter of generations of fanaticism was brought to a close” (Tuqan, 1990, p.25).

¹⁰ Ainda podemos destacar, contemporaneamente, o feminismo islâmico, que tem pensado as relações de gênero e o uso do véu como parte de uma ressignificação de elementos religiosos e, também, como uma linguagem política (Ahmed, 1992; Abu-Lughod, 2012). Neste ponto, podemos situar uma distância nas perspectivas de Tuqan, por exemplo, ainda que seja importante historicizar estas percepções.

¹¹ [No original]: “[...] the man would cause his sisters and female cousins to age prematurely, a decline accelerated by subjugation and coercion. I never knew these victims as other than old women. Each had been an old women since the age of twnty-five” (Tuqan, 1990, p. 106).

¹² [No original]: “They had no friends; they had no private life. Young girls with grey hair and faces prematurely wrickeld by repression” (Tuqan, 1990, p. 106).

¹³ [No original]: “The Arab Club began inviting thinkers, men of letters, and Palestinian and Arabs poets to read, which gave the city a cultural incandescence, in addition to its patriotic political fame” (Tuqan, 1990, p. 71).

¹⁴ [No original]: “*How and with what right or logic does Father ask me to compose political poetry, when I am shut up inside these walls? I don’t sit with the men, I don’t listen to their heated discussions, nor do I participate in the turmoil of life on the outside. I’m still not even acquainted with the face of my own country, since I am not allowed to travel*” (Tuqan, 1990, p. 107).

¹⁵ [No original]: “Reading the papers, however important, was not enough to light the flame of political poetry within me. I was completely isolated from life on the outside. This isolation had been imposed upon me” (Tuqan, 1990, p. 109).

¹⁶ [No original]: “Since I was not socially emancipated, how could I wage war with my pen for political, ideological or national freedom? I still lacked political maturity, just as I had no social dimension. I possessed nothing but a literary dimension that itself was still incomplete” (Tuqan, 1990, p. 110).

¹⁷ [No original]: “eventually my tongue was freed. I wrote the patriotic poetry to which Father had so often wished to see me dedicate myself in place of Ibrahim. I wrote that poetry quite voluntarily, without any outside coercion” (Tuqan, 1990, p. 113).

¹⁸ Por exemplo, o escritor palestino Ghassan Kanafani (1936-1972) cunhou a expressão *adab al-muqawama*, literatura de resistência, para falar do cenário da Palestina.

¹⁹ [No original]: “I did not experience the flavour of this participation, or come to know its intensity and sweetness, until the war o June 1967” (...) The Israeli occupation brought back to me my sense of being a social entity. It was only under the shadow of occupation, when I began meeting large audiences through my poetry reading [...]” (Tuqan, 1990, p. 88).

²⁰ [No original]: “One month of occupation has gone by. I am unable to write one line of poetry” (Tuqan, 1990, p. 191).

²¹ [No original]: “Another month has gone by and I have written nothing... Silence... continual silence... however, it is a conscious silence, aware and vigilante, not a silence of absence and emptiness” (Tuqan, 1990, p. 191).

²² [No original]: “[...] with the ways in which people who have lived through wars tell their stories, because stories influence how the next wars will be fought – and then told” (Cooke, 1996, p. 15).

²³ [No original]: “[...] may operate catalysts for change, breaking down tradicional barriers between men and women [...]” (Saliba, 2002, p. 134).

- 24 [No original]: “(...) the assault on women’s bodies by the combined forces of the Israeli military occupation and the domestic brutalities of their own men within the family and at home” (Harlow, 2002, p. 127).
- 25 [No original]: “(...) depredations committed against women’s stories by the rehearsals of the lexicons of love poetry and the rhetorics of nationalism” (Harlow, 2002, p. 127).
- 26 [No original]: “that is not to say that they have always operated under the same auspices, nor that they have always been emphasised equally, and there are many tensions entailed in this ‘double struggle’” (Ball, 2012, p. 48)
- 27 [No original]: “(...) she [Bakr] talks about ‘the masculine literary eye’ that objectifies women and their experiences, and how she feels impelled to create a new literary language to deal with the world of women as it actually is” (Al-Nowaihi, 2002, p. 72).
- 28 [No original]: “(...) to refer to women who think and do something about changing expectations for women’s social roles and responsibilities” (Cooke, 2000, p. 7).
- 29 Podemos referir aqui a um amplo uso do feminismo que, em muitos casos, segue uma agenda liberal e colonial, por inferir um modelo para a definição de “mulher” e suas formas de ser. Nesse sentido, é possível identificar a permanência de justificativas ideológicas quanto a uma relação de superioridade, branca, portanto, uma agenda feminista que se mantém ligada ao poder das estruturas coloniais, subjugando culturas e promovendo intolerância (Ahmed, 1992, p. 151). Aqui, pode-se retomar ao uso do véu e como é recorrente a retórica da salvação das mulheres muçulmanas, como nos alerta Lila Abu-Lughod (2012).
- 30 [No original]: “the hegemony of colonialism (...) produced an adverse reaction among the Arabs against Western liberalism and the social freedom is embraced, and the various religious-bound movements in the Arab world, whose rise was also largely dictated by colonialism” (Jayusi, 2002, p. 9).
- 31 [No original]: “although Palestinian women’s participation in the national struggle had been perceived as a necessary but not a sufficient condition for their emancipation as women, they still express their belief that the struggle for women’s liberation is not distinct from national Independence and at the same time does not constitute a paradox” (Kuttab, 2009, p. 106).
- 32 [No original]: “it would have been unrealistic for the women’s movement to prioritize women’s issues and rights, while all the Palestinian people, men and women alike, were being denied their basic human and national rights” (Kuttab, 2009, p. 106).
- 33 [No original]: “women’s concerns must therefore be addressed within the political framework of nationalism, even as women’s participation simultaneously transforms strategies of national resistance” (Saliba, 2002, p. 136)
- 34 [No original]: “advancing women’s literacy can be read as a feminist act since it imbues women with the possibility of self-representation at personal and political levels” (Ball, 2012, p. 62).
- 35 [No original]: “they argue that just as the liberationist struggles to free themselves from the Israel will succeed only if they transform gender relations, so the social-feminist revolution must include a political victory for the Palestinian nation” (Cooke, 1996, p. 170).
- 36 [No original]: “Women’s struggle for liberation isn’t much different from that of the nation. One is as political as the other. The difference is that national politics are glorified, crowned with a halo. But when it comes to the feminist and sexual struggle, there are challenges, grumbling, and arbitrary accusations that sometimes reach the heights of heresy or even treason” (Khalifeh, 2020, s/p).
- 37 [No original]: “(...) que van desde el doble a la ventriloqua, pasando por efectos vocales: voz del dentro, voz del afuera, voces actuales, voces antiguas (...)” (Robin, 2002, p. 47).
- 38 [No original]: “(...) often fragmented, tense and cryptic to articulate the anxieties of love and disenchantment, and the bewildered attempt to make sense of chaos (...) where war and marriage take place at the same moment (...)” (Al-Musawi, 2003, p. 3).